

## A teoria da verdade visual

A poesia e inscrições do período arcaico grego (séculos VIII-VI a.C.) atestam uma animada recepção verbal de objetos e imagens bem elaborados, mas isto constituiu um período pré teórico, efetivamente longo, durante o qual os artesãos desenvolveram de uma forma inconsciente versões locais das linguagens figurativas orientais. O reconhecimento claro de uma estreita e desejável ligação entre o aspecto visual e as imagens como sendo o objetivo ou a norma de representação surgiram repentinamente, e por razões políticas e sociais observáveis, durante a primeira metade do século V a.C. Tratava-se de uma nova forma de ver e representar a que damos, ilusoriamente, o nome de “período clássico inicial”. Era um estilo simples e carregado, traduzido no plano político e social por uma ética de guerreiro moralmente puritana e anti-oriental, não parecendo hoje em dia nada realista. As normas sociais nele contida são tão evidentes a ponto de gerações sucessivas lhe terem atribuído naturalmente um propósito “ideal” bem mais elevado. A nova linguagem visual “clássica” surgiu acompanhada no plano teórico por um conceito de base surpreendentemente explícito que iria dar origem a uma agenda visual bastante diferente.

A teoria chegou até nós através de umas tantas citações e paráfrases, da autoria de escritores posteriores (nomeadamente Galeno, o grande médico e teórico do século II d.C.), que fizeram comentários sobre os sistemas visuais e os escritos teóricos dos escultores do início e meados do século V a.C. : Pitágoras de Rhegion, Miron de Atenas, Policleto de Argos. Os termos básicos utilizados por eles de forma teórica em relação a figura humana, em particular as figuras de atletas masculinos, eram “*symmetria*”(comensurabilidade), *rythmos* (ritmo na postura e na composição), *akribéia* (exatidão) e *aletheia* (literalmente verdade).

A palavra *symmetria* referia-se àquilo que podia ser observado, às proporções capazes de serem medidas do corpo humano – tal como um tratado de Policleto havia referido, “do todo para as partes e das partes para o todo”. As figuras deviam obedecer a um esquema global da sua realidade, proporcionalidade comensurável, controlado e verificado por medições do corpo real e não por outras imagens.

O *Rythmos* referia-se a postura da figura, tendo em conta as suas devidas proporções – à postura real, posição e composição da figura estática ou ativa. *Rythmos* e *symmetria* eram aquilo que as estátuas arcaicas nunca tinham manifestado. *Akribéia* era a exatidão ou o refinamento com que eram aplicados os sistemas de proporção observados, enquanto o último objetivo e toque teórico deste projeto visual era *aletheia*, ou verdade que, neste contexto, se referia à fidelidade ou similitude da imagem em relação à realidade, ou seja, ao objeto retratado. Apenas as estátuas assim construídas podiam ser verdadeiras, belas e grandiosas.

## A teoria da representação ideal

Só no período helenístico (século III-I a.C.) é que seria formulada uma teoria da representação “ideal”. Do ponto de vista do realismo diversificado e da individualidade sofisticada da arte helenística inicial – observada, por exemplo, nas brilhantes estátuas personificadas de Menandro ou Demóstenes – que fora dirigida pela vigorosa aplicação da teoria da verdade, a arte do século V afigurava-se, em retrospectiva, bastante estranha, e até inadequada, quando medida exclusivamente pela escala da verdade. O seu elevado quociente normativo nunca deixou de ser revelado.

Mas dado que esta havia fornecido as representações definitivas dos deuses e heróis da cultura dominante a um nível reconhecido, foi crescendo uma estratégia teórica onde se reconhecia que a arte deste período não estava aquém da realidade, na escala da verdade (como na verdade se passava) mas acima dela – supra verum – acima da verdade. As normas visuais do século V a.C. foram simplesmente recalibradas como superiores e assim se tornaram “ideais” aos nossos olhos: tentaram alcançar algo melhor e maior do que a mera realidade representada, cuja conquista tinha sido agora plenamente interiorizada. Assim nasceu a teoria do idealismo fidiano, cerca de dois séculos depois que Fídias viveu.